



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12966 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

O GRUPO ESCOLAR HUMBERTO DE CAMPOS (ESTÂNCIA VELHA/RS, 1934-1959)  
NAS MEMÓRIAS DE EGRESSOS: INSTITUCIONALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO

Jose Edimar de Souza - UCS

Samanta Vanz - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq/FAPERGS

### **O GRUPO ESCOLAR HUMBERTO DE CAMPOS (ESTÂNCIA VELHA/RS, 1934-1959) NAS MEMÓRIAS DE EGRESSOS: INSTITUCIONALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO**

**Resumo:** O estudo analisa aspectos do percurso de institucionalização do Grupo Escolar Humberto de Campos, situado no município gaúcho de Estância Velha, a partir de memória de dois egressos do curso primário, entre 1934 e 1959. A investigação realizada sob a perspectiva teórica da História Cultural, vale-se da metodologia da História Oral e da análise documental para compor os resultados do estudo. Nesse sentido, destaca-se que ao final da década de 1930, a implantação da escola graduada e pública foi recorrente em muitos municípios colonizados por imigrantes alemães e italianos, como aconteceu nesta localidade. No que diz respeito as memórias de egressos, percebe-se um apelo afetivo e o reconhecimento do modo como suas trajetórias se entrecruzam à história do Grupo Escolar, do valor atribuído aos seus professores e de como inspiraram à escolha da profissão.

**Palavras-chave:** Instituições escolares. Grupo Escolar. Estância Velha. Escolarização primária.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Nas últimas décadas, com advento da História Cultural os estudos locais/regionais têm motivado diferentes pesquisadores, sobretudo, com ampliação dos programas de pós-graduação e multiplicação de linhas de pesquisas, a temática da história das instituições foi diversificada e intensificada. Souza (2011, p. 14) enfatiza que no campo da História Regional, a década de 1980 produziu deslocamentos no termo região como definição restrita de “localização e extensão”, pois inicia-se um esgotamento das grandes sínteses na definição da História Nacional. Reckziegel (2015, p. 5) argumenta que “a renovação do conceito de região implicou a noção de que o regional é menos um espaço físico e mais um conjunto de relações e articulações”, que se dão em âmbito particular do social e do cultural. Nesse sentido, ao investigar uma instituição um universo de possibilidades se apresenta para compreender contextos, processos e práticas de escolarização.

No campo da História da Educação a dimensão regional/local assumiu novas posturas analíticas e dinâmicas investigativas singulares que passaram a combinar aspectos metodológicos e perspectivas epistemológicas. Mesmo que o “sentido atribuído ao recorte regional” seja menos preciso, como argumenta Souza (2011) é inegável a contribuição que a escola primária legou para a construção de uma identidade regional, fenômeno que se forjou no Brasil, ao longo do século XX.

Investigar o processo de institucionalização de uma escola em âmbito local exige reconhecer que as relações com um contexto mais amplo produzem efeitos em diferentes dimensões: regionais/locais. Magalhães (2019, p. 15) reconhecer que “a instituição escolar integrou o desenvolvimento social e político, e a modernidade educativa aproximou a cartografia escolar da cartografia demográfica, administrativa, cultural.” Portanto, implica compreender os impactos da implantação de um tipo de instituição como processo de contribuição para formação de saberes e práticas.

Compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição educativa é integrá-la de forma interactiva no quadro mais amplo do sistema educativo e nos contextos e circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência. (MAGALHÃES, 2007, p. 70).

Entendemos o grupo escolar como um tipo de escola, uma forma de oferta do ensino primário elementar graduado. Souza-Chaloba (2019) argumenta que a temática dos grupos escolares tratadas em perspectiva nacional está por ser escrita. Estudos pioneiros em dimensões regionais, por sua vez, cobrem as primeiras décadas do século XX; por exemplo, o trabalho de Souza (1998), em São Paulo; Faria Filho (1996), em Minas Gerais e Peres (2000), no Rio Grande do Sul, o estudo de Vidal (2006), entre outros <sup>[1]</sup>.

O grupo escolar neste lugar foi implantado na década de 1930. O município localizado na região metropolitana de Porto Alegre, capital do Estado, também foi conhecido como Entrada de Bom Jardim. Em 1939, passou a denominar-se Genuíno Sampaio <sup>[2]</sup>. Entretanto,

este nome não teve êxito, e o povoado voltou a chamar-se Estância Velha, já em 1950. A emancipação ocorreu em 08/09/1959.

Nesse sentido, para compreender os sentidos e representações produzidas pelos sujeitos entrevistados nesta pesquisa e, cotejando memórias e fontes documentais, analisamos aspectos da institucionalização do Grupo Escolar Humberto de Campos.

## A INSTITUCIONALIZAÇÃO E AS MEMÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO

O substrato da marca de um tempo é definido pelas ações humanas e pelos valores e imaginário que conformam esse tempo. A História como manifestação do fazer coletivo incorpora vivências individuais e, [...] conformam experiências únicas, através de uma dinâmica que reconstrói o passado ao tecer sua representação no presente [...]. (DELGADO, 2003, p. 12-13).

Para os procedimentos metodológicos foram utilizados documentos escritos e orais. Estes últimos obtidos a partir de memórias produzidas por dois egressos. As entrevistas aconteceram em 2022, na sede da Biblioteca Pública de Estância Velha, com tempo aproximado de duração de uma hora e meia. Após transcrever, as narrativas foram cotejadas aos outros documentos <sup>[3]</sup> para compor reflexões atentos a Pimentel (2001), ponderando análises presentistas, evitando por um lado a ratificação do passado e de outro a glorificação do presente.

Maria Helena Ritter <sup>[4]</sup>, nasceu em 10 de setembro de 1951 e Nestor Luiz Trein <sup>[5]</sup>, nasceu em 16 de janeiro de 1950, ambos nasceram em Estância Velha onde ainda residem. As memórias se referem ao período em que estudaram na escola, não sobre quando atuaram como professores, pois ambos se sentiram inspirados pelos seus docentes e escolheram o magistério como profissão, atuando nesta instituição nas décadas de 1960 e 1970.

A história da escolarização na localidade se relaciona com a presença da imigração alemã, que começaram a chegar a partir de 1824. Nesse sentido, a leitura, escrita e o cálculo rudimentar eram ensinados nas escolas paroquiais, que serviam ao culto religioso nos finais de semana. O ensino público iniciou com as primeiras aulas isoladas instaladas nos bairros periféricos e rurais, no final do século XIX. Contudo, a predominância foi da escola étnica, principalmente na região central do município.

No Rio Grande do Sul, a partir de 1915, os primeiros grupos escolares (escolas reunidas) foram instalados e figuram ao lado dos Colégios Elementares <sup>[6]</sup> até final da década de 1930. Souza-Chaloba (2019) assinala a emergência para situar a escola primária graduada no contexto das transformações ocorridas desde o século XIX. Desse modo, percebe-se uma lenta, mas gradual institucionalização da escola pública de primeiras letras como tentativa de promoção da educação e da renovação pedagógica. Quadros (2003) acrescenta que a

intensificação do capitalismo industrial no Brasil, e a Revolução de 1930, foram elementos que motivaram o aparecimento de novas exigências educacionais.

A primeira escola pública primária estadual, o Grupo Escolar de Estância Velha, foi inaugurado em 12/10/1934. A escola funcionou, primeiramente, na atual Praça 1º de Maio. Em 1951 passou a denominar-se Grupo Escolar Humberto de Campos. E desde 1960 está situada à rua José do Patrocínio, com prédio construído a partir da expansão do ensino, promovido pelo governo Brizola (ESTÂNCIA VELHA, 2008). Destacamos em nosso estudo, o período em que a escola funcionava no prédio antigo, que já não existe mais.

Os primeiros funcionários da instituição foram: diretora Ira Bier; Infância M. Rocha e Juanita Rey Gil (auxiliares) e a Vilma L. Mattes, como porteira. E Enedina Silveira, professora. Jacy Menna Barreto e Laura Xavier (auxiliares). Analisando os livros pontos é possível identificar os dias em que as professoras auxiliares solicitavam dispensa para realizarem exames de admissão ao curso Normal e ainda de provas de seleção para outros níveis de ensino. Esse movimento é percebido quando em alguns registros assinam o ponto ora como auxiliar, ora como professoras. E ainda quando há indicação da frequência no Curso Normal, bem como aulas em alguma escola equiparada.

Sobre os primeiros tempos da escola os egressos rememoram que a implantação da escola contou com a mobilização e financiamento de lideranças e empresários locais, Maria Helena (2022) lembra do industriário Balduino Weber, ele *“achava que a nossa cidade precisava ter uma escola pública. E o quê que ele fez? Essa área onde está a Praça Primeiro de Maio, era ali a residência que ele comprou e reformou e transformou no Grupo Escolar”*. Outro aspecto rememorado é de que as escolas étnicas foram fechadas durante o governo de Getúlio Vargas, intensificando-se após 1939. Maria Helena rememora que nesse sentido, havia no bairro Campo Grande e bairro Lira também escolas públicas isoladas, pois em 1933 a escola étnica havia encerrado suas atividades. Ela ingressou na escola, prédio antigo, em 1956, no Jardim da Infância, recorda do guarda-pó branco, *“quando a gente entrava na 1ª série usava esse guarda-pó abotoado e daí quando era o jardim era um que era tipo dum aventalzinho que tinha o nome e tinha um bolsinho na frente.”*

Nestor Trein (2022) estudou apenas no último ano do curso primário na escola. Recorda de uma iniciativa das professoras do grupo, de que os estudantes das escolas da periferia viessem estudar o 5º ano, isso ocorreu para ele em 1959, como forma de se prepararem para o exame de admissão e ter um *“estudo mais reforçado”*, como rememora. Para Souza (1998) os grupos escolares ofereciam mais recursos, com bibliotecas e equipamentos que nem sempre se encontrava nas escolas isoladas ou reunidas. Maria Helena e Nestor destacam que os professores eram exigentes, mas havia respeito e deferência na comunidade; alguns docentes incentivavam que eles continuassem os estudos, mas Wally Leuck Stumpf, que fora aluna, auxiliar, docente e se aposentou diretora do Grupo foi uma inspiração para eles.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A institucionalização do grupo escolar em Estância Velha evidencia como em uma localidade ocorreu o processo de implantação e articulações para que o ensino graduado contribuísse para modernização das relações sociais naquele contexto. Outro elemento é que a expansão do ensino esteve associada aos movimentos emancipatórios, corroborando ainda para o fortalecimento de um discurso positivista. Contudo, é preciso considerar que há múltiplas faces para compreender esse processo, que não foi igual nas mais distintas localidades do nosso país.

No que se refere as memórias dos entrevistados as marcas de escolarização contribuíram para a escolha da profissão. A lembrança saudosa de professores, da cultura escolar e do modo como apropriaram conhecimento demonstra como se envolveram na comunidade; em terem trabalhado na escola que os acolheu e conduziu no seu processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, n. 6, julho de 2003. Acesso em 07 abr. 2023. <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>

ESTÂNCIA VELHA. Lei nº 1321, de 17 de junho de 2008. Aprova o Plano Municipal de Educação e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Estância Velha, RS.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906 – 1918). 1996. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

MAGALHÃES, Justino. A construção de um objecto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto – a investigação em história das instituições educativas. **Educação Unisinos**, v. 11, n.2, p. 69-74, maio/agosto 2007.

MAGALHÃES, Justino. Municípios de História da Educação. **Cadernos de História da Educação**, 2019. v.18, n.1, p. 9-20, jan./abr. Acesso em: 20 mar. 2023. <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/47611/25734>

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 179-195, nov. 2001.

PERES, Eliane Teresinha. Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir - A escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública primária gaúcha (1909 – 1959). 2000. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

QUADROS, Claudemir de. **As brizoletas cobrindo o Rio Grande**. A educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963). Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. Apresentação. In: HEINSFELD, Adela te al. (Orgs.). **Fazendo história regional. Política e cultura**. Méritos, 2015. p. 5-8.

SANTOS, Ademir Valdir dos; VECHIA, Ariclê. As escolas que construímos: a história de instituições escolares na Revista Brasileira de História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 19, p. 1-26, 2019. Acesso em 26 mar. 2022. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/47235/pdf>.

SOUZA-CHALOPA, Rosa Fátima de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a historiografia da educação brasileira: reflexões para debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 19, p. 1-24, 2019. Acesso em 26 mar. 2022. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/47241/pdf>.

SOUZA, Rosa Fátima de. Os desafios da investigação comparada em âmbito regional para a escrita da história da educação brasileira. In: SÁ, Nicanor Palhares; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. **Revisitando a história da escola primária**. Os grupos escolares em Mato Grosso na primeira república. Cuiabá: EdUFMT, 2011. p. 9-28

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Unesp, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. Tecendo história (e recriando memória) da escola primária e da infância no Brasil: os grupos escolares em foco. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 3-14.

---

[1] Não querendo incorrer em esquecimento de trabalhos significativos da temática, dado o espaço do texto, destaca-se ainda a revisão de literatura feita por Santos e Vechia (2019).

[2] Foi um Coronel imperial morto no episódio dos Mucker, em Sapiranga.

[3] Documentos como: atas de reuniões pedagógicas, livros de ponto, acessados no Arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental Humberto de Campos.

- [4] Exerceu diferentes funções em direções de órgãos locais. Na data da entrevista era diretora da Biblioteca Municipal.
- [5] Foi vice-prefeito, bem como exerceu diferentes cargos em institutos do município.
- [6] No nosso Estado, a escola graduada foi instituída em 1909, com os Colégios Elementares, sob influência positivista como “parte determinante para garantir o projeto republicano” (PERES, 2000).